

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Água mole em pedra dura

Dessa vez, os senadores conseguiram enterrar o relatório da CPI do Crime Organizado, que propunha o indiciamento de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Mas, dado o andar da carruagem, o cerco está se fechando. A oposição levará esse assunto para os palanques eleitorais — físicos e eletrônicos.

A escolha de Alcolumbre

Ao quebrar o jejum de comparecimento às solenidades do Palácio do Planalto, o presidente do Congresso, senador Davi Alcolumbre (União-AP), tenta se colocar como uma opção à esquerda de Tereza Cristina (PP-MS) para presidir a Casa, a partir de fevereiro de 2027. Em seu discurso, ainda puxou Hugo Motta para uma dobradinha, ao sair em defesa do deputado.

Operação resgate

O PL e aliados do ex-deputado Alexandre Ragem não desistiram de tentar ajudá-lo a ser solto nos Estados Unidos. O plano agora é realizar uma apresentação aos embaixadores norte-americanos no Brasil e convencê-los de que o ex-chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) é um perseguido político. É dessa forma que esperam que o asilo político de Ragem seja aceito.

Noves fora...

Flávio Bolsonaro chegou a telefonar para Elmar Nascimento para pedir-lhe que desistisse da candidatura e abrisse caminho para o nome do PL, Soraya Santos (PL-RJ). Contudo, com a negativa do deputado, só restou ao PL partir para apoiá-lo e tentar dificultar a vida de Odair Cunha. Nisso tudo, fica uma lição: Flávio pode até controlar seu próprio partido, mas não tem poder de mando em outras legendas.

Muito além do TCU

A disputa em torno da vaga ao Tribunal de Contas da União (TCU) foi lida por muitos como uma prévia sobre a disputa da Câmara, em fevereiro de 2027 — o verdadeiro objetivo de Elmar Nascimento (União-BA). Quando da eleição de Hugo Motta (Republicanos-PB), em 2025, o parlamentar baiano chegou a lançar uma pré-candidatura, mas desistiu no meio do caminho. Agora, nesse intrincado jogo político que envolveu o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), tentando demonstrar influência na Câmara como participe de uma derrota do PT, Elmar bateu o pé. Não quis saber de desistir. Queria testar a sua capacidade de angariar votos no Plenário. Obteve 96. Ficou demonstrado que, sem

o apoio dos demais partidos de centro e só com os bolsonaristas, Elmar não faz verão.

» »

Motta larga na frente/ A votação de Odair Cunha (PT-MG) foi resultado de um trabalho que envolveu todos os aliados do governo. E colocou o presidente da Câmara como um player para fevereiro do ano que vem, caso seja reeleito deputado. Se a votação fosse apertada — ou seja, menos da metade da Câmara — ou num caso de derrota, Motta estaria fora do jogo de 2027. Não está. E, ao que tudo indica, a parceria com o PT está em construção.



CURTIDAS

Soou esquisito I/ Representantes da bancada feminina estranharam o discurso do deputado Sóstenes Cavalcanti (PL-RJ) no plenário, criticando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva por ter trocado ministras mulheres por homens no Judiciário. Sobretudo porque, ao término, ele pediu o voto útil em Elmar Nascimento, a fim de derrotar Odair Cunha na corrida à vaga do TCU.

Elaine Menke/Câmara do Deputados



Soou esquisito II/ Sóstenes lembrou que "o governo atual, que falou que ia valorizar mulheres, trocou sete delas por homens". Só que o grupo mais alinhado a Flávio Bolsonaro pressionou e conseguiu rifar a postulação da deputada Soraya Santos (PL-RJ, foto) para incorporar a frente contra Cunha.

O corpo fala/ As apostas de que Soraya desistiria de concorrer ao TCU começaram quando ela saiu quase que "bufando" da reunião do PL. Nos bastidores, os parlamentares mais experientes diziam que ela era a candidata mais "perigosa" contra Odair Cunha. Afinal, em fevereiro de 2019, derrotou o deputado Giacombo (PR-PR), que era o candidato oficial para a Primeira Secretaria da Câmara naquele ano.

Gestão desafiadora/ O presidente do BRB, Nelson Souza, confirmou presença hoje no 6º Summit Lide-Correio Braziliense, cujo tema é "Eficiência na Gestão Pública". O seminário começa às 8h, no hotel Brasília Palace.

PODER

Alerta para riscos à institucionalidade

Na posse de ministro palaciano, Alcolumbre adverte que "está muito bom agredir as instituições republicanas" e manda recados

» FABIO GRECCHI
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União-AP), fez ontem um alerta sobre os riscos à institucionalidade da República por conta de ataques que membros dos Três Poderes têm feito entre si. Para o senador, o diálogo está sendo deixado de lado e que a disputa ideológica também tem contaminado as discussões no Parlamento.

"Está muito bom agredir as instituições republicanas, seja do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário. Está muito cômodo ofender os outros. A gente precisa compreender as pessoas que pensam

diferente. Ofender, subjugar, agredir e atacar não vai construir o Brasil que os brasileiros precisam e esperam dos Poderes. Está todo mundo passando dos limites institucionais que norteiam a boa convivência na relação republicana", advertiu, em discurso na posse do deputado José Guimarães (PT-CE), que assumiu a Secretaria de Relações Institucionais (SRI), em substituição à deputada Gleisi Hoffmann (PT), que disputará uma vaga ao Senado pelo Paraná.

O aviso de Alcolumbre veio horas depois da divulgação do relatório final da CPI do Crime Organizado, elaborado pelo senador Alessandro Vieira (MDB-SE). No documento, que foi rejeitado

pela comissão de inquérito, ele pediu o indiciamento dos ministros Gilmar Mendes, Alexandre de Moraes e Dias Toffoli, todos do Supremo Tribunal Federal (STF), além do procurador-geral da República, Paulo Gonet.

O relatório elevou a temperatura da crise entre Legislativo e Judiciário. Os magistrados responderam de maneira dura a Vieira e contaram com a solidariedade de outros integrantes da Corte, como Flávio Dino e André Mendonça.

Segundo Alcolumbre, "infelizmente nos dias atuais está muito difícil fazer política com seriedade, porque, a todo instante, as pessoas estão pensando em um processo eleitoral e, efetivamente,

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



Senador foi veemente: "Está todo mundo passando dos limites que norteiam a boa relação republicana"

não estão pensando na vida das pessoas que precisam".

Mas isso não quer dizer que o senador também não tenha passado recados ao Palácio do Planalto. Fez questão de salientar que as políticas sociais aprovadas nos últimos meses foram "construídas a várias mãos" e com "muita contribuição do Legislativo". A crítica velada de Alcolumbre foi porque o Palácio do Planalto tem tentado

faturar eleitoralmente com as políticas voltadas para a população, a fim de reforçar o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição. Nos bastidores do Congresso, tal postura tem incomodado integrantes da base aliada — que querem surfar na onda de boas iniciativas, com vistas às urnas, em outubro.

Guimarães, por sua vez, deixou claro que está pronto para fazer o

meio-campo entre o Palácio do Planalto e o Legislativo. "Me sinto muito aliviado em terminar minha missão [de líder do governo] com essa quantidade de parlamentares aqui para agradecer tudo o que fizemos juntos, marcados pelo diálogo, pela defesa do Parlamento. Você não constrói a democracia se não tiver diálogo com todos e sem deixar de reconhecer a pluralidade que é o Parlamento", observou. (Com AE)

SOCIEDADE

Eleitorado com ou mais de 60 anos cresceu 74%

» AMANDA S. FEITOZA

O Brasil caminha para eleições cada vez mais influenciadas pelo envelhecimento da população. Um levantamento da Nexus Pesquisa e Inteligência de Dados, com base em dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mostra que o número de eleitores com 60 anos ou mais cresceu 74% entre 2010 e 2026, um ritmo quase cinco vezes maior que o do eleitorado geral, que avançou 15% no mesmo período.

Em termos absolutos, o país

passou de 20,8 milhões de eleitores 60+, em 2010, para 36,2 milhões em março deste ano. No total, o Brasil soma 156,2 milhões de pessoas aptas a votar, número que ainda pode aumentar até o fechamento do cadastro eleitoral, em maio.

Esse crescimento acelerado já altera o peso político dessa faixa etária. Hoje, aproximadamente um em cada quatro votos no país vem de eleitores com mais de 60 anos, o que coloca esse grupo no centro das estratégias eleitorais.

Além de crescer em número,

o eleitorado 60+ tem demonstrado maior engajamento nas urnas. Nas últimas eleições gerais, a taxa de comparecimento entre pessoas de 60 a 69 anos, faixa em que o voto ainda é obrigatório, chegou a 85,7%, acima da média geral, de 79,1%.

Entre os maiores de 70 anos, cujo voto é facultativo, a participação foi menor, de 41,1%. Ainda assim, os dados indicam aumento gradual no engajamento desse público ao longo dos anos.

A abstenção entre os eleitores mais velhos também caiu nas

últimas três eleições: passou de 37,1% em 2014 para 34,5%, em 2022. No mesmo intervalo, o índice geral de abstenção do país subiu levemente.

O peso do eleitorado 60+ não é uniforme no país. As regiões Sul e Sudeste concentram as maiores proporções, com pelo menos 23% dos votantes nessa faixa etária em todos os estados. O Rio Grande do Sul lidera, com 29,3%, seguido por Rio de Janeiro (28%) e Minas Gerais (26%).

Nos três maiores colégios eleitorais — São Paulo, Minas Gerais e

Rio de Janeiro —, os eleitores com mais de 60 anos já somam cerca de 16 milhões de pessoas.

O Norte apresenta um perfil mais jovem. Na região, a média de eleitores 60+ é de 16,5%, com Amapá, Amazonas e Roraima registrando os menores índices.

O avanço do eleitorado idoso acompanha uma transformação demográfica mais ampla. Em três décadas, a proporção de brasileiros com mais de 60 anos saltou de 7% para 16% da população. Em 2022, esse grupo já somava cerca de 32 milhões de pessoas.

36,2 MILHÕES

é o número de eleitores 60+ registrado até março. Mas o número pode mudar até o fechamento do cadastro eleitoral, em maio